

**Entrevista à
Vereadora da
Cultura Câmara
Municipal de
Castelo Branco**

**Dr.^a Cristina
Granada**



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

UBI – Mestrado em Ciências Documentais **[2010]**

Orientadores:

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

Mestrando:

Pedro Rafael Neto Gomes

[Guião de Entrevista]

Apresentação e objectivos

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre “**A Biblioteca Escolar: Uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias**”

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Castelo Branco, Dr.^a Cristina Granada, face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha/ parceria e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos
(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)

**Entrevista à Vereadora da Cultura Câmara Municipal de Castelo
Branco Dr.^a Cristina Granada**



1. Cristina Granada, Vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Castelo Branco, responsável pela BM de Castelo Branco, ao longo destes anos nas suas funções como autarca e antes como professora tem contactado, com técnicos de bibliotecas públicas coordenadores de bibliotecas escolares, professores bibliotecários e directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?

Cristina Granada - Os factores, que contribuíram, para essa realidade, foi em primeiro lugar a concretização do investimento, e a concretização da aposta nestes mesmos recursos por parte do estado por parte dos sucessivos governos.

Houve também depois uma convicção forte quer das equipas coordenadoras de âmbito nacional, regional ou escolar, uma constituição forte que esses serviços constituiriam uma mais-valia para cada localidade, e para cada realidade escolar. Feitas estas considerações em termos de pensamento global a realização e a passagem à prática do trabalho, e à efectivação e o tomar corpo de cada projecto de biblioteca escolar ou de biblioteca municipal, sendo que a maior parte também pertence a essa mesma rede, teve o, como é que eu hei-de dizer, o seu ancurador no esforço do pessoal educativo, do pessoal docente, que dinamiza precisamente esses espaços de bibliotecas

1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas, embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos. O que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?

Cristina Granada - Nesta dinâmica parece-me que falta precisamente a vontade de estabelecer, as ditas parcerias.

Porque as Bibliotecas escolares servem um fim próprio, perseguem o objectivo, dentro do espaço escolar, oferecer meios, oferecer recursos, livrescos ou multimédia ou outros, a ludoteca etc., aos jovens às crianças, recursos estes de que as crianças não dispõem em casa, ou então quando dispõem em casa, não tem o mesmo acompanhamento em termos do pessoal que podem ter na sua biblioteca escolar.

Portanto a mais-valia de uma biblioteca escolar, que se destina ao pré-escolar ao primeiro ciclo, ao segundo, terceiro ciclo, ou ao ensino secundário, a mais-valia desta



biblioteca é que está muito bem apetrechada, ou pretende estar, e ao mesmo tempo tem pessoal, tem recursos humanos qualificados a fazer um esforço enorme para permitir a boa relação entre o utente, o jovem, a criança e o espaço, e o documento que se vai pesquisar que se vai buscar, portanto aqui há um espaço de aprendizagem, quer relacionado com o conteúdo do que se vai lá procurar, mas também um espaço de aprendizagem no que respeita ao uso do próprio espaço, a consulta dentro do próprio espaço biblioteca. E daí se ter apostado nas bibliotecas, porque também a partir da existência de uma biblioteca e de um bom projecto de biblioteca com recursos humanos destacados para tal pode-se promover a capacidade de estudo autónomo, pode-se promover a capacidade pesquisa, pode-se promover o tal empreendedorismo de que todos falamos, portanto as bibliotecas escolares são este contributo, para o desenvolvimento, para a educação e o sucesso educativo das crianças, e dos jovens.

As bibliotecas públicas pertencem, a outra esfera de pensamento, e a outra esfera de acção cultural, e de desenvolvimento sociocultural do nosso país, estão ligadas frequentemente a autarquias, ou a instituições de carácter público, ou público o privado, e ao mesmo tempo pretendem também estar ligadas a essa rede de bibliotecas escolares, em termos de parceria e de complementaridade.

As bibliotecas públicas não são, ou não tem tido o mesmo desenvolvimento, ou não tido o desenvolvimento a escala do que tem sido a realidade das bibliotecas escolares, porque, pertencem, como dizia a pouquinho, a diversas outras instituições, a diversos outros financiadores, a diversas outras capacidades, de captar o investimento, para que elas se tornem uma realidade. Ainda assim, em grande parte dos concelhos, em grande parte dos municípios, já se deu o passo para fazer parte da rede alargada de bibliotecas públicas com bibliotecas escolares quando isso acontece e o mais frequente é a realidade escolar, aproveitar o espaço da biblioteca pública como espaço de complementaridade para a educação, nunca fazendo da biblioteca pública uma biblioteca escolar, porque não pode ser equiparada, não deve e não se deve substituir à esfera escolar. A esfera escolar, tem um objectivo, tem uma missão. A esfera da biblioteca pública tem uma outra missão, complementado, e tendo os mesmos objectivos, que é contribuir para o desenvolvimento sociocultural das populações, acrescenta-lhe o pendor lúdico, acrescenta-lhe o pendor do lazer, o pendor do prazer, associado a toda a frequência da biblioteca, quer seja em torno do livro, quer seja em torno do documento multimédia, do documento jornalístico, tudo o que se passa na biblioteca pública pretende conduzir ao mesmo desenvolvimento educativo, mas também ao desenvolvimento



cultural, e acrescentando a isto tudo o espaço de lazer, e de prazer, e de fruição, que uma biblioteca, ou um centro de recursos, com as características que estas modernas bibliotecas já têm hoje representam.

2. Em alguns Concelhos onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?

Cristina Granada - Eu tenho uma visão um pouquinho *sui generis* da realidade, eu não sou muito ortodoxa, e não creio que haja uma única solução para todos os problemas, se houver circunstâncias em que esse serviço é o fundamental para o bom funcionamento creio que se deverá apostar em tudo e por tudo para que ele se constitua e funcione bem. Mas se houver outras realidades locais que conseguem dar a mesma resposta e conseguem articular muito bem e sobretudo fazer com que os recursos sejam bem aproveitados, acredito que diversas situações podem ser possíveis para realidades diversas porque no fundo o país é muito diversificado conhecendo algumas realidades, com certeza que não haverá uma resposta única

2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?

Cristina Granada - Com certeza outras formas de cooperação, de partilha quer envolvendo quer recursos humanos, quer recursos materiais, porque esta biblioteca Municipal de Castelo Branco por exemplo relaciona-se e coopera com toda a esfera educativa desde os jardins-de-infância ao primeiro ciclo, segundo terceiro ciclo e secundário até ensino superior, público e privado, mas também se relaciona com outras instituições, com a prisão, com o espaço de reinserção social dos jovens, com lares de terceira idade, centros de dias, centros de convívio para idosos, com muitas outras realidades.

2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve, e pode, ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....)



Cristina Granada - Eu creio que esta cooperação e partilha, deverá explorar tudo o que puder dentro da procura do desenvolvimento sociocultural das populações, isto pode envolver indivíduos, pode envolver instituições, pode envolver vontade de partilhar à escala pessoal ou à escala interinstitucional, creio, que todas as circunstanciais, que mencionou aí, enfim mencionou tantas que se calhar contempla a realidade, uma das realidades que nós aqui também frequentemente. Como é que eu hei-de dizer... acompanhamos, é a apresentação de livros por exemplo pelos próprios autores a dinamização de colóquios temáticos em torno de alguma obra livresca ou multimédia, ou então apresentação de estudos por grupos que desejam partilhar com a comunidade, enfim a biblioteca envolve sequer como acolhedor de iniciativas quer como dinamizador e proponente dessas mesmas iniciativas.

2.3. Onde podemos incluir (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?

Cristina Granada - As empresas têm o mesmo espaço, que tem outras entidades públicas, aqui falando de empresas de carácter privado não é, até mesmo espaço de outras entidades públicas se quiserem usufruir, ou aproveitar a realidade que é a biblioteca, para fazer a dinamização a divulgação, das suas actividades, ou dos seus produtos, imagino a apresentação de um livro por uma editora é uma articulação e uma partilha com uma empresa não é, a apresentação de um cd ou de qualquer algum produto de carácter educacional mas que venha a ser proposto por uma empresa é a relação com o privado, todas estas circunstancias desde que gravitem em torno do desenvolvimento cultural, e social, educativo, etc., creio que estão bem integradas naquilo que se faz dentro das parcerias que uma biblioteca pública acolhe.

3. E o Plano Nacional de Leitura? Encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades, entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?

Cristina Granada - Absolutamente, e nesta biblioteca temos feito o esforço de articular com, quer com as Bibliotecas Escolares quer como os departamentos específicos de cada agrupamento de escola do nosso concelho, ou escolas não agrupadas, no sentido, de oferecer aqui a vinda de especialistas relacionados com os livros que pertencem precisamente aos livros do Plano Nacional de Leitura temos solicitado aos professores, e aos educadores que nos indiquem as obras, que nos indiquem os autores, que nos indiquem especialistas, para que nós possamos fazer essa articulação, dentro da actividade especifica da hora do conto, ou do *Ler a Dois*, ou do *Ler com Colo*, também houve um esforço da escolha e de articulação



com essas mesmas obras que integram o PNL, e aqui nós temos a convicção de que estar em sintonia com a realidade educativa é uma mais-valia, porque assim a criança ou o jovem quando vem a biblioteca ouvir um conto está em sintonia com outras realidades que ele descobre na escola compreende que isto é um mundo em consonância, em sintonia, a trabalhar para o mesmo, a trabalhar para o desenvolvimento dele, o que não impede que se tenham outras opções que estejam radicalmente fora do plano, precisamente para continuar a oferecer, a diversidade necessária, que os serviços que se querem complementares, devem oferecer. Porque como disse inicialmente, não nos devemos sobrepor nem substituir à escola. A escola, é uma realidade, que devemos respeitar e nós somos outra, de que a escola deve tirar proveito, deve tirar partido.

Pedro Rafael - Duas dessas actividades que me referiu ler a dois e ler ao colo são actividades que obrigatoriamente envolvem os pais?

Cristina Granada - É verdade, é verdade, o *Ler a Dois* é para meninos que já tem alguma capacidade de leitura do primeiro ciclo, e o *Ler com Colo* é para os pequeninos a partir dos três meses de idade, que é a idade em que as crianças vão para as creches, ou enfim. A partir do momento em que os pais ou encarregados de educação quiserem trazer. Pontualmente uma vez por mês, alternadamente de quinze em quinze dias, cada uma destas realidades. Os pais ou os encarregados de educação podem não ser pais, podem ser avós, podem ser tios, enfim, quem estiver a cuidar da criança, traz a criança, no ler a dois partilha a história com a criança, no ler com colo a mesma coisa, só que a criança fica sentada ao colo, que é muito mais prático e acrescentamos aqui, ao espaço biblioteca, ao espaço do livro, ao espaço da história, ao espaço do desfruto do conto, acrescentamos o afecto, acrescentamos o espaço da família, o espaço do encontro intergeracional, e a biblioteca ganha mais uma dimensão.

Pedro Rafael - Será uma ponte possivelmente para criar um espaço de Bebeteca?

Cristina Granada - Era o ideal, nós temos um espaço infantil que também se apropria um bocadinho à Bebeteca porque tem uns brinquedos que não são, não lhe posso chamar livros propriamente, mas tem uns brinquedos que já são um estímulo à descoberta da biblioteca, e os bebés os mais pequeninos entre os três meses e o ano e meio vêm descobrir a biblioteca por esse meio, a partir do ano e meio já começam a virar as páginas dos livros destinados a eles e creio que o fazem com muito gosto

4. Como encara a possibilidade de uma Biblioteca de uma determinada tipologia prestar um serviço efectivo e ser gerida duplamente por outro tipo de intervenientes? Por exemplo uma biblioteca escolar servir uma comunidade durante o período não lectivo? Vantagens? Desvantagens ou obstáculos?



Por exemplo a biblioteca escolar também estar aberta, à noite, ao fim de semana, ou mesmo durante o período não lectivo durante as férias

Cristina Granada - Sempre que essa realidade se tornar um contributo positivo para as comunidades que dela vão beneficiar ou que nela vão servir essa realidade deve ser posta em prática. Quando essa circunstância, se tornar num constrangimento, quer para quem lá trabalha quer para quem viesse a beneficiar disso, quem propõe com certeza deverá fazer a reflexão necessária, abrir a biblioteca de uma escola à comunidade, tem todo o interesse se nessa comunidade não houver uma biblioteca pública que preencha precisamente esse requisito. Portanto a biblioteca escolar torna-se simultaneamente uma biblioteca pública com toda a vantagem, creio com a absoluta vantagem se não houver outra oferta alternativa. No caso de haver oferta alternativa também é bom que a biblioteca escolar se mantenha um espaço da escola precisamente para que ela possa desempenhar essa função de biblioteca escolar, eu creio que não há atropelo não é obrigatório que uma biblioteca escolar, seja só escolar, contudo, pode haver, necessidade desse recato, dessa reserva, para que o que lá esteja, seja reservado precisamente aos jovens em idade escolar, ou aos adultos em idades escolar, porque as nossas escolas, agora com este excelente projecto, porque para mim é um excelente programa das Novas Oportunidades, também servem comunidades de adultos, mas adultos aprendentes, adultos que estudam, portanto, creio que a biblioteca destinada a uma realidade escolar pode abrir as portas, mas é interessante que mantenha o seu objectivo no desenvolvimento dessa comunidade aprendente, jovem, a criança, adulto, porque pode ser de várias gerações.

Pedro Rafael -Temos a tal situação em que há concelhos que não existe biblioteca pública.

Cristina Granada - Precisamente, então ai há todo o interesse que a mesma biblioteca escolar possa desempenhar o serviço que oferece uma biblioteca pública. Assim as entidades que a governam, ou que a geram tenham a capacidade de o fazer, porque também acredito, e sou muito pragmática nisto, que nenhuma realidade deve ser imposta à força. Quando a escola, quando a realidade escolar não sentisse essa capacidade de serviço à comunidade, se ela não o sentir, não o deverá fazer. Porque então, e calhar não o fará da melhor forma. Quando estiver pronta, ai se sentir que o deve fazer e que o pode fazer em boas



condições de cuidado pelos materiais, de cuidado com as pessoas, de cuidado com a própria comunidade, então ai deve abrir as portas

5. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvência de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. A empresa *Parque Escolar* tem no seu conceito a construção nomeadamente de Bibliotecas Escolares com acesso directos para o exterior. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?

Cristina Granada - Este conceito, é sempre possível, como à bocado questionava a possibilidade de se abrirem as realidades escolares à comunidade. Eu creio que este conceito já é possível nas realidades escolares que temos. Atendendo aos tempos, e atendendo à necessidade de rentabilizar, e de racionar recursos eu creio que construir mais deixando de parte o que já existe pode em alguns casos configurar algum desperdício, contudo existem já realidades parecidas com essas dentro dos agrupamentos de escolas e os agrupamentos de escolas quando se verificar que é vantajoso abrirem à comunidade deverão fazê-lo precisamente porque poderão oferecer e já oferecem pavilhões gimnodesportivos, auditórios, bibliotecas, esse é o espaço que ainda continua reservado à realidade escolar mas que podem vir a ser disponibilizados etc. Porque construir dentro da *Parque Escolar* ou outra realidade que seja, equipamentos com estas características e deixar de parte os que já existem não os rentabilizando seria isso sim, um desperdiçar de recursos. Agora vejamos os nossos agrupamentos já partilham com a comunidade alguns destes recursos de facto. Partilham salas, quando cedem para espaços de formação, partilham refeitórios quando os cedem também para eventos diversos, partilham espaços audiovisuais que são pequenos auditórios quando realizam para a comunidade ou quando abrem portas a comunidade, pavilhões gimnodesportivos etc. de facto dentro deste leque do que já existe, parece-me que apenas as bibliotecas escolares, ou os centros de recursos das escolas, ainda não abriram totalmente, ou ainda não aderiram totalmente a esta possibilidade de partilha, e de facto quando isso se verificar ser uma rentabilização proveitosa para a comunidade. Porque a comunidade também é sempre comunidade educativa, isso é vantajoso. Terão, é de ter com certeza recursos humanos para o poder fazer não é.



6. **Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. (pequeno exemplo o que foi efectuado na BE de Alpedrinha durante o verão de 2008) como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

6.1. **Quais os maiores obstáculos que se poderão colocar à implementação destas práticas?**

(questões não efectuadas)

7. **Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementado em países como os EUA, o Canada a Austrália e na Europa do norte. Sendo este países “ricos/ desenvolvidos” não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? E efectivar a rentabilização dos espaços e recursos materiais e humanos disponíveis numa determinada comunidade?**

Cristina Granada - Ai está, ai está, a resposta, e a sua pergunta agora vai, é engraçado, vai no sentido da resposta que dei antes. Por isso se calhar é que os países ricos são países ricos. Eles rentabilizam o que têm, não constroem ao lado, fechando as portas da escola ou do agrupamento, fechando as portas de uma biblioteca que já existe construindo outra ao lado porque aquela se só para uma outra realidade. É absolutamente isso, e creio que esse é o pensamento certo, rentabilizar os recursos existentes.

Pedro Rafael - Como é que observa por exemplo a constituição de equipas de trabalho e a organização destes recursos humanos?

Cristina Granada - A organização desses recursos humanos precisamente deverão, partir da realidade daquilo que é a realidade do que já existe por exemplo quando uma comunidade escolar tem ao seu dispor professores, pessoal não docente e outros técnicos, de variadíssimas áreas e formações que podem dentro do seu saber coabitar e ser complementares no serviço que prestam às escolas aqui falando do espaço biblioteca escolar é um desperdício ir contratar fora alguém que faça exactamente a mesma coisa, se existir um



departamento de informática, com os professores dessa área que também são técnicos e conhecedores dessa área é um pouco de desperdício contratar ao lado uma empresa de informática que faça a manutenção da rede, ter professores dentro de uma escola que estão a fazer, imaginemos uma formação, olhe de bibliotecas, uma pós graduação com há inúmeros por este país fora e depois despreza-lo enquanto especialista desta área e não o colocar ao serviço do tal projecto de bibliotecas escolares em parceria até com as bibliotecas públicas seria um desperdício enorme de recursos humanos, aqui está. Como é que deve ser gerido o tempo, como é deve ser partilhada a responsabilidade, isso creio que cada realidade é uma realidade, e cada local deve encontrar as suas soluções, mas rentabilizar o mais possível os recursos existentes, indo buscar fora em termos de parecerias voluntariado, porque não, todas as ajudas que assim houver e também compreender que algumas pessoas em processo de formação, aqui até podemos imaginar alunos em processo de formação, podem assumir determinadas responsabilidades dentro desta realidade de dinamização de espaços e dinamização de projectos que por um lado vão trazer benefício porque são custos que não se vão ter fora, mas ao mesmo tempo são espaços de aprendizagem porque a fazer sobretudo se aprende não é.

8. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?

9. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão de recursos humanos?

9.1. E a gestão de espaços e recursos materiais?

9.2. Que impacto social pode ter, na comunidade, um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?

(Questões não efectuadas)

10. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz a essa situação?



Cristina Granada - Aqui voltando um bocadinho atrás, este sentimento de posse, eu quase que o compreendo quando vejo algumas escolas por receio de ver delapidar ou estragar os seus equipamentos ou os seus bens, tem o receio de abrir as portas. Mas aqui vai também da confiança que devemos depositar no nosso semelhante, não é muitas escolas, muitos espaços tem receio de abrir as portas a comunidade toda, aqui não só a comunidade escolar, mas toda a comunidade educativa, porque tem receio que venham estragar as suas salas, as suas cadeiras, os seus livrinhos, os seus cd's, os seus dvd's, os seus computadores etc. pela mesma razão noutros tempos se tinha muito receio de entregar todo o equipamento informático , multimédia etc. aos jovens para que eles utilizassem e era sempre se lhes entregamos isto, eles estragam.

O meu pensamento foi sempre ao contrário abrir as portas, confiar, fazer com que a possibilidade de eles entrarem naquele espaço também os responsabilize, portanto abrir as portas responsabilizando quem entra vai passar a fazer parte de, não entra num espaço que é de outros, passa a entrar num espaço que é seu e ao assumir aquele espaço como seu, passa a respeitá-lo, passa também a ser responsável pela manutenção daquele espaço e a experiência que temos tido aqui em termos biblioteca municipal é que quanto mais deixamos utilizar, e quanto mais gente entra neste espaço mais salvaguardado ele está, mas protegido ele está porque as pessoas que cá vêm utilizar determinados recursos querem voltar a encontrá-los em boas condições quando cá regressarem. Portanto a própria partilha também é o garante da conservação é claro que depois haverá desgaste, é claro que depois haverá avaria, mas qual é a vantagem de ter um equipamento belíssimo, fantástico, e bem equipado de portas fechadas nenhuma para a humanidade, com certeza.

11. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.”. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude?

Cristina Granada - E responsabilidade comum, partilha de uma responsabilidade comum sobretudo isso. Porque esses factores que aí estão, são todos factores de desfrute, positivos da colaboração, etc. da partilha, mas a responsabilidade está contida em cada um deles sendo que ainda assim. Ter a responsabilidade comum por um bem, somos todos responsáveis por este bem, somos todos responsáveis por este equipamento somos todos até responsáveis pelo bem que este equipamento venha a produzir sobre a própria comunidade, aí ele passa a ter a utilidade maior, está ao serviço da humanidade, está ao serviço da comunidade.

12. O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?

Cristina Granada - Sim, porque a formação dentro de uma determinada área ajuda com certeza à compreensão e à rentabilização desse mesmo domínio. Fui compreendendo aos



longos dos tempos que apesar de os dias de hoje não serem de exclusiva especialização o ser humano acaba por ser um bocadinho sabedor de todos os domínios. Ainda assim o conhecimento, ou o aprofundamento específico de uma determinada área vai orientar a mente desse mesmo responsável no sentido da melhor rentabilização, que tenha tempo ou que o seu tempo seja gerido de forma, a que se tire dele o maior proveito, com certeza que isso será a tal situação que cada espaço deverá encontrar internamente mas que há vantagens em si, que a formação da pessoa responsável se faça no domínio em que vai desempenhar a sua função, ter um bibliotecário, ter um professor bibliotecário tem variadíssimas vantagens, por um lado ao ser professor, é um pedagogo, está relacionado com esse espaço do ensinar e do aprender, porque não consigo dissociar ensino de aprendizagem, por muita vontade que tenha de ensinar, se o outro não tiver vontade de aprender, não terá valido de nada o esforço de ensinar, então o professor sabe o que é a relação entre o ensino e da aprendizagem, o bibliotecário sabe o que é tirar proveito do recurso material, ou imaterial de que dispõe precisamente na biblioteca. Conhecerá estratégias, conhecerá actividades, conhecerá mecanismos, para tirar o maior proveito de tudo que tem a sua disposição e fazer com que aqueles que lá vão o possam aproveitar da melhor forma, isso o ideal era mesmo que um professor, ou uma professora, já agora permita-me também o uso no feminino, possa rentabilizar da melhor forma o espaço biblioteca isso sim, creio que seria o ideal.

13. Por último, gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?

Cristina Granada - Eu não sou especialista na matéria, portanto espero é ter respondido com alguma autenticidade e alguma vantagem para as questões que me colocou.

Bem-haja pela sua colaboração!

Pedro Rafael neto Gomes